

PARA INGLÊS VER? OS CLUBES DE CRICKET E A SOCIABILIDADE BRITÂNICA EM RECIFE (1865-1906)

ONLY FOR SHOW? THE CRICKET CLUBS AND THE BRITISH SOCIABILITY IN RECIFE (1865-1906)

Victor Andrade Melo¹

Endereço: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação. Avenida Pasteur, 250, fundos, 2o andar - Campus da Praia Vermelha, Rio de Janeiro-RJ. CEP: 22290-240.

Email: victor.a.melo@uol.com.br

Resumo: Este estudo objetivou investigar as experiências dos clubes de críquete fundados em Recife entre os anos de 1865 e 1906. Ainda que a modalidade não tenha se tornado popular, tais iniciativas ajudam a entender, no período em tela, o protagonismo social dos britânicos, bem como certos trânsitos culturais promovidos. Como fontes, foram utilizados periódicos. Ao fim, concluímos que tais agremiações contribuíram tanto para a coesão da colônia britânica quanto para a difusão do gosto pelo esporte na capital pernambucana.

Abstract: This study aimed to investigate the experiences of cricket clubs founded in Recife between 1865 and 1906. Although the sport has not become popular, such initiatives help to understand, in the period under consideration, the social role of the British and certain cultural transits promoted. As sources were used newspapers. At the end, we concluded that such associations have contributed to the cohesion of the British colony as well to spread the taste for sport in the capital of Pernambuco.

Palavras-chave: Recife. Britânicos. Esporte.

Keywords: Recife. British. Sport

1 - Doutor em Educação Física. Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua no Programas de Pós-Graduação em História Comparada/Instituto de História, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, no Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer/Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de Produtividade de Pesquisa desde 2003 (atualmente nível 1D; 2014-2018).

Introdução

É largamente reconhecido que a transferência da sede do Império Português para o Brasil, em 1808, desencadeou um processo de maior desenvolvimento da colônia que, alguns anos depois, proclamaria sua independência¹. Entre os fatores múltiplos que propiciaram tal ocorrência se encontra o maior afluxo de estrangeiros, possível em função da abertura dos portos a outros Estados. No decorrer do século XIX, a fim de aproveitar as oportunidades que se abriram na jovem nação, oriundos de diversos países seguiram desembarcando em terras tupiniquins.

Nesse cenário, merecem destaque os britânicos, que já possuíam antiga relação comercial e diplomática com Portugal – pelo menos desde o século XIV, com o Tratado de Windsor, destacando-se ainda o Tratado de Methuen (assinado em 1703) – e acentuaram sua presença na América do Sul em função de terem sido protagonistas no processo de tomada de decisão e operacionalização da vinda dos monarcas lusitanos para seu maior e mais importante território do ultramar na ocasião.

Ocupando espaços importantes na política lusitana, a Coroa britânica encontrou uma saída para minimizar as dificuldades que encarava no continente europeu em função das guerras napoleônicas. Com o fim dos conflitos e a independência do Brasil, sua influência não diminuiu. Até mesmo por isso, chegaram ao país muitos profissionais qualificados que não conseguiam postos de trabalho no Reino Unido ou estavam interessados em se aventurar à busca de uma vida melhor².

No Brasil do século XIX, britânicos foram protagonistas em setores econômicos distintos, como no comércio exterior, na implantação das primeiras indústrias, na instalação de ferrovias, no setor financeiro/bancário, na introdução de serviços urbanos (transportes, iluminação, saneamento, entre outros)³. Sua presença e influência se fizeram sentir mais intensamente nas maiores cidades, especialmente naquelas que possuíam portos importantes.

Mesmo que parte dessa colônia fosse transitória, tanto porque retornava ao Reino Unido quanto porque se deslocava entre as diferentes sedes das empresas britânicas espalhadas pelo Brasil e América do Sul, algumas de suas iniciativas foram mais duradouras, expressão do desejo e necessidade de ter uma vida mais confortável, mais de acordo com os costumes que traziam de seu país de origem, desejavam manter e apresentar a seus descendentes.

De fato, parte dessas ações se perpetuou graças aos que fincaram raízes mais profundas, se casaram, tiveram filhos, nunca abandonando a relação com a cultura

1 RICUPERO, Rubens. O Brasil no mundo. In: SILVA, Alberto da Costa (coord.). História do Brasil Nação (1808-2010) – volume 1 – Crise colonial e independência (1808-1830). Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p. 115-160.

2 LENZ, Sílvia Ewel. A presença britânica na Corte imperial. *Locus, Juiz de Fora*, v. 14, n. 2, p. 207-221, 2008.

3 GRAHAM, Richard. Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil. 1850-1914. São Paulo: Brasiliense, 1973.

do Reino Unido (com todas as fraturas e peculiaridades que a compõem). Assim, mesmo os não nascidos por lá, mas sim no Brasil ou em outros países, em função de sua ascendência faziam e se sentiam parte da colônia britânica.

Deve-se ter em conta uma dupla dimensão que cercava as iniciativas dos britânicos. De um lado, eram uma reação ao fato de que os brasileiros encaravam com estranhamento e mesmo certo chauvinismo alguns hábitos dos oriundos do Reino Unido. De outro, esses nunca demonstraram grande disposição de se inserir na dinâmica social local, em boa medida se mantendo como um grupo à parte, marcado por uma maior discrição nos comportamentos.

A despeito desses aspectos, necessária se faz uma ressalva: houve espaços de interface nos quais se entabulou um processo mútuo de influências culturais⁴. As diversas versões que existem para o surgimento da expressão “para inglês ver” – umas mais ligadas à política, outras à economia e ainda algumas à cultura – são indicadores de como os britânicos promoveram múltiplas e importantes interferências sociais. Mais ainda, podemos nos perguntar o quanto esse dito indica uma apreensão superficial de parâmetros civilizatórios ou, ao fim e ao cabo, a promoção de leituras e releituras de práticas e símbolos que vinham de outros cenários⁵.

Uma das ações entabuladas pelos britânicos nas cidades brasileiras em que se estabeleceram foi a instalação de uma igreja anglicana para que pudessem professar seu credo em um país bastante católico e em que não eram incomuns episódios de intolerância religiosa. Articulada a tal iniciativa, ainda no território da fé, também se empenharam em instituir um cemitério próprio, no qual os enterros eram realizados de acordo com seus costumes e crenças. Da mesma forma, no âmbito da assistência, fundaram hospitais e escolas.

Outra importante iniciativa foi a criação de clubes, um costume que traziam de seu país de origem⁶. As naturezas dessas agremiações eram diversas: social, literária, esportiva, entre outras. No que tange às últimas, destacam-se aquelas que tinham como motivação principal uma modalidade tida como das mais típicas manifestações culturais dos britânicos – o críquete⁷, prática que oriundos do Reino Unido espraíram pelas muitas localidades nas quais se instalaram⁸.

4 FREYRE, Gilberto. *Inglêses no Brasil*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio/MEC, 1977.

5 Um debate interessante sobre o tema pode ser visto em: SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. *Tempo social*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 69-100, mai. 2000.

6 Para um debate sobre a importância dos clubes para os britânicos, ver: SOARES, Luiz Carlos. *A Albion revisitada*. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2007.

7 BURKE, Peter, PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Os ingleses*. São Paulo: Contexto, 2016.

8 Há uma extensa produção sobre a importância do críquete para os britânicos, bem como de seu papel na difusão do esporte. Ver: HOLT, Richard. *Sport and the British: a modern history*. New York: Oxford University Press, 1989; BIRLEY, Derek. *A social history of English cricket*. Londres: Aurum Press, 1999; MALCOLM, Dominic, GEMMELL, Jon, MEHTA, Nalin (orgs.). *The changing face of cricket: from imperial to global game*. New York: Routledge, 2010; MALCOLM, Dominic (org.). *Globalizing cricket: Englishness, empire and identity*. Londres: Bloomsbury, 2012.

No Brasil, essa modalidade não se tornou muito apreciada, como ocorreu em outros lugares onde os britânicos se instalaram e tiveram influência (como, por exemplo, na Índia)⁹. De toda forma, não se deve desprezar a importância das iniciativas ao seu redor. Trata-se de um indicador de um processo mais amplo, relacionado ao protagonismo de um grupo social e aos trânsitos culturais promovidos. Assim sendo, este estudo objetivou investigar as experiências dos clubes de críquete fundados em Recife entre os anos de 1865 e 1906. A capital pernambucana foi uma das que acolheu muitos oriundos do Reino Unido.

O recorte temporal teve em conta a criação das primeiras agremiações dedicadas à modalidade (*Excelsior Cricket Club* e *Pernambuco Cricket Club*, ambos fundados em 1865) e o surgimento de uma sociedade que marcou uma mudança no perfil esportivo da cidade (*British Club*, 1906). No decorrer do século XX, diversas modalidades foram tornando-se populares – especialmente o futebol – na mesma medida em que aumentou a inter-relação da colônia britânica com a dinâmica social local. Além disso, especialmente a partir da década de 1920, foi reduzindo-se sua presença e influência nas cidades brasileiras.

Para alcance do objetivo, como fontes foram utilizados periódicos publicados no período em tela, majoritariamente o *Jornal do Recife*. Editado entre 1859 e 1938, ainda que tenha mudado muito de perfil nos seus longos anos de duração, desde o princípio apresentou como intuito instruir e divertir de forma simultânea. Sempre procurou se posicionar a favor do progresso de Pernambuco, sendo, em boa medida, porta-voz das classes dirigentes, mesmo que também tivesse em conta alcançar os estratos médios.

Apresentando-se, de início, como neutro do ponto de vista político, o *Jornal do Recife* foi, durante anos, veículo oficial das decisões legislativas e governamentais. Posteriormente, tornou-se porta-voz do Partido Progressista, ainda se mantendo como principal espaço de difusão das agências oficiais. No decorrer de sua trajetória, manifestou mais claramente seu engajamento às questões sociais mais candentes¹⁰.

Foram também consultados *A Província*, jornal publicado entre 1872 e 1933, de perfil político mais denotado (era órgão do Partido Liberal), bem como *A Época*, veículo do Partido Conservador que só circulou por dois anos (1889-1890). Vale ressaltar que majoritariamente foram utilizados anúncios dos próprios clubes de críquete.

Deve-se ter em conta que, assim como ocorria no Rio de Janeiro e São Paulo, pelas características mais reservadas da colônia britânica, pouco de suas atividades

9 No críquete, duas equipes de 11 jogadores se enfrentam com o objetivo básico de derrubar/defender pequenas estacas de maneira para as quais se atira uma bola. Guarda semelhanças com o beisebol, leitura norte-americana do esporte britânico. Suas origens são medievais, mas a prática melhor se sistematiza no século XVIII. A título de curiosidade, no Brasil há um jogo infantil inspirado na modalidade, conhecido como taco ou bets.

10 Para uma descrição ampla da trajetória do periódico, ver: NASCIMENTO, Luiz do. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954) – vol. 2 - Diários do Recife - 1829/1900. Recife: Imprensa Universitária/UFPe, 1966. Ver também: BRASIL, Bruno. *Jornal do Recife*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-recife/>. Acesso em: 16 fev. 2017.

chegava aos jornais¹¹. O desafio é entender essas iniciativas pelos esparsos indícios que encontramos. Até mesmo por isso, utilizamos também informações coletadas em periódicos de outras províncias.

No caso da Corte/Distrito Federal, deve-se destacar três periódicos editados em inglês: *The Anglo-Brazilian Times: Political, Litterary and Comercial* (1865-1884), *The Rio News* (1874-1901) e *The Brazilian Review* (1898-1914). Dirigidos à colônia, porta-voz de seus interesses, divulgavam algo do cotidiano dos britânicos, nos permitindo vislumbrar alguns aspectos de seu envolvimento com o esporte¹².

Primeiras iniciativas (1865-1874)

Recife foi uma das cidades que sentiu os impactos da chegada da família real na Corte, inclusive no que tange ao maior afluxo de estrangeiros. Mesmo que tenha sido palco de conflitos contestatórios de natureza diversa – como a Revolução Pernambucana (1817), a Confederação do Equador (1824) e a Revolução Praieira (1848-1849) – já na primeira metade do século XIX, a capital de Pernambuco passou por mudanças no âmbito da economia, impulsionadas pelo crescimento de seu porto (grande exportador de algodão e açúcar), cujos desdobramentos foram sentidos no cenário cultural, inclusive no que tange a intervenções na arquitetura e no espaço urbano¹³.

Esse processo de desenvolvimento tornou-se mais claro na segunda metade do século XIX, a reboque de uma maior estabilidade política e dos bons resultados na esfera econômica. Tornou-se mais explícita – ainda que com peculiaridades e limites – a adesão a ideias de civilização e progresso, que tinham como uma de suas marcas a maior ocupação da cena pública, até mesmo devido à melhor estruturação do comércio de luxos e entretenimentos.

Como ocorreu em outras cidades nas quais se instalaram, naquele contexto os britânicos desempenharam um papel relevante, inclusive no que tange ao comércio de produtos importados, mesmo que certos artefatos e costumes franceses atraíssem maior interesse. Foram responsáveis pela “introdução de muitos hábitos que se incorporaram no modo de vida das elites residentes no Recife”¹⁴. Mais do que pensar num processo de apreensão passiva, deve-se ter em conta a ideia de circularidade

11 MELO, Victor Andrade de. A sociabilidade britânica: os clubes de cricket no Rio de Janeiro do século XIX. Rio de Janeiro: PPGHC, 2016.

12 MELO, Victor Andrade de. A sociabilidade britânica. Op. cit.

13 SILVA, Sandro Vasconcelos da. Quando o Recife sonhava em ser Paris: a mudança de hábitos das classes dominantes durante o século XIX. Saeculum (UFPB), João Pessoa, n. 25, p. 215-226, jul./dez. 2011.

14 OLIVEIRA, Carolina Bortolotti de. Imagens do Recife Imperial: o olhar inglês sobre a paisagem suburbana do século XIX. In: ANPUH/SP. Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. São Paulo: UNESP/Assis, 2006. p. 1.

cultural, conforme proposta por Bakhtin e desenvolvida por importantes historiadores como E. P. Thompson e Carlo Ginzburg¹⁵.

Estabelecidos nos subúrbios da cidade, às margens do Rio Capibaribe, também na capital pernambucana a colônia britânica fundou suas instituições próprias. Em 1814, foram autorizados e receberam a doação de um terreno para instalar o Cemitério dos Ingleses, a exemplo dos que já havia no Rio de Janeiro e na Bahia¹⁶. O *British Hospital*, por sua vez, foi inaugurado alguns anos depois, em 1818. Já a primeira igreja anglicana (*Holy Trinity Church*) surgiu em 1838; até então, o padre G. Tuckins celebrava os cultos num prédio improvisado¹⁷.

O número de britânicos cresceu, a partir da década de 1850, em função do incremento do comércio e da instalação de ferrovias, bancos, manufaturas. As oportunidades de negócios os atraíam para a cidade. A linha férrea da *Recife and San Francisco Railway* foi inaugurada em 1858. Em 1866, começou a funcionar o serviço urbano da *Brazilian Street Railway*. A *Pernambuco Street Railway* foi criada em 1871. A *Western Railway Company* iniciou a operação na transição dos anos de 1870 e 1880. Em 1863, abriu as portas a filial do *London e Brazilian Bank*¹⁸, primeira de muitas casas bancárias gerenciadas por oriundos do Reino Unido.

Como era usual nas suas experiências pelo mundo, na capital pernambucana os britânicos se envolveram com a criação de agremiações. Em 1859, estiveram entre os fundadores do *Jockey Club*, atuando como dirigentes, sócios e donos dos cavalos que corriam nos páreos. A reunião inicial foi realizada inclusive no Hotel Inglês¹⁹. Deve-se ter em conta que nos anos 1860 começaram a surgir mais sociedades de caráter social em Recife, como o Clube Comercial e o Clube Pernambucano.

É possível que, a essa altura, os britânicos já disputassem alguns jogos informais de críquete, como era comum nas cidades onde se instalavam, inclusive no Rio de Janeiro, onde desde a década de 1830 partidas eram organizadas²⁰. Não temos, todavia, indícios dessas experiências em Recife. A primeira evidência que até o momento conseguimos de uma iniciativa mais estruturada é de 1865, um anúncio publicado no *Jornal do Recife*²¹. Convocou-se a direção da equipe do *Excelsior Cricket Club* para

15 Para uma abordagem do tema, ver: BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005; e BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

16 MELLO, José Antônio Gonçalves de. *Ingleses em Pernambuco – História do Cemitério Britânico do Recife e da participação dos ingleses e outros estrangeiros na vida e cultura do Pernambuco, no período de 1813 a 1990*. Recife: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, 1972.

17 PARAÍSO, Rostand. *Esses ingleses...* Recife: Bagaço, 1997.

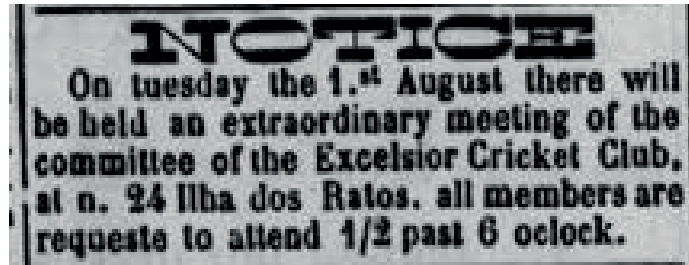
18 MELLO, José Antônio Gonçalves de. *Ingleses em Pernambuco*. Op. cit; FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. Op.cit; GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil. 1850-1914*. Op.cit.

19 *Jornal do Recife*, 12 nov. 1859, p. 8. A inauguração se deu no dia 22 dezembro, contando com a presença do Imperador, que visitava a região nordeste (*Jornal do Recife*, 24 dez. 1859, p. 7).

20 MELO, Victor Andrade de. *A sociabilidade britânica*. Op. cit.

21 *Jornal do Recife*, 31 jul. 1865, p. 3.

uma reunião extraordinária a ser realizada, no dia 1º de agosto, numa casa situada na Ilha dos Ratos, localizada na Boa Vista, bairro onde uma parte da colônia residia, hospedava-se, frequentava, no qual se encontravam a igreja anglicana e o *British Hospital*.



Anúncio do *Excelsior Cricket Club*
Jornal do Recife, 31 jul. 1865, p. 3

Pelo teor da convocatória, percebe-se que o *Excelsior Cricket Club* fora criado provavelmente na primeira metade dos anos 1860, quando também se fundou na cidade outra agremiação da modalidade, o *Pernambuco Cricket Club*, que no mesmo mês de agosto de 1865 convocou uma assembleia a ser realizada na Rua do Vigário²².

Durante anos, a rivalidade entre as duas agremiações movimentou a cena da modalidade em Recife. O *ground* do *Pernambuco Cricket* se localizava em Santo Amaro, fronteira com a cidade de Olinda, bairro onde se construía o Cemitério dos Ingleses. Já a Fábrica de Cerveja de Henrique Leiden se tornou a sede do *Excelsior Cricket Club*. O proprietário foi um dos introdutores da cerveja no Brasil, dono de uma das mais importantes indústrias da bebida da Corte. Seu estabelecimento era, no Rio de Janeiro, um complexo de entretenimentos, onde eram oferecidas atrações diversas, entre as quais práticas esportivas²³. Na capital pernambucana, ocorreu o mesmo. As instalações da Rua do Sebo acolheram as mais distintas diversões, inclusive partidas de críquete²⁴.

Nesses dois espaços eram realizadas as partidas entre os sócios e os desafios entre as agremiações²⁵, organizadas em um calendário anual e respeitando certos dias estabelecidos, a exemplo do que era comum no Reino Unido²⁶. Aparentemente, o *Excelsior Cricket* tinha um funcionamento distinto, marcado por atividades mais ocasionais.

22 Jornal do Recife, 2 ago. 1865, p. 3.

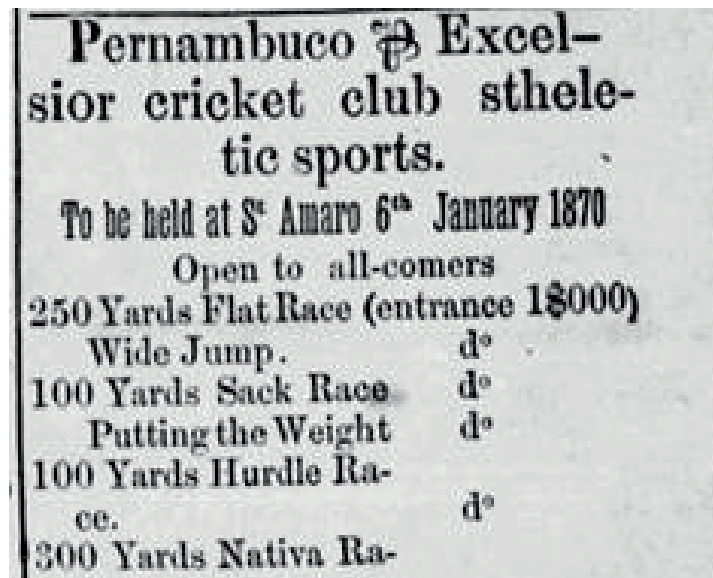
23 MELO, Victor Andrade de, SCHAW, Thaina Pacheco. Bebida, comida, diversão e arte: as fábricas de cerveja no Rio de Janeiro do século XIX (1856-1884). Rio de Janeiro: PPGHC, 2016.

24 Leiden também estabeleceu relações com os membros do Pernambuco Cricket. Ver Jornal do Recife, 6 ago. 1872, p. 4.

25 Ver um exemplo em Jornal do Recife, 8 set. 1868, p. 3.

26 Ver, por exemplo, Jornal do Recife, 21 jul. 1868, p. 3.

Os constantes encontros entre as duas agremiações deram origem a outra atividade típica dos britânicos, usualmente promovida nas localidades onde se instalaram – um festival de *sports athleticos*, integrado por provas de corridas, saltos e arremessos, com inscrições abertas aos interessados que pagassem uma pequena taxa para tomar parte²⁷. Nas primeiras edições, basicamente competiram estrangeiros que já conheciam a dinâmica do esporte, antecedente do atletismo.



Anúncio do festival de *sports athleticos* organizado pelos clubes de críquete
 Jornal do Recife, 24 dez. 1869, p. 3.

No futuro, eventos semelhantes seriam promovidos também por britânicos não necessariamente ligados a agremiações de críquete. Em 1875, por exemplo, as provas foram realizadas no Engenho Dois Irmãos, onde os ingleses gerenciavam a Companhia de Água do Beberibe²⁸. O perfil dos competidores se ampliaria com a participação de brasileiros. Mesmo que o interesse não fosse ainda generalizado, tais ocasiões ajudaram a fortalecer o gosto pelos esportes que se conformavam na cidade, especialmente nas duas décadas finais do século XIX. Ainda que com limites, difundiam-se aspectos de uma cultura esportiva na capital pernambucana.

Vejamos que no festival de *sports athleticos* organizado, em 1869, pelas agremiações de críquete, adotou-se uma série de estratégias para atrair um público maior. Além disso, há indicadores de que o corpo societário das agremiações se ampliava. Um exemplo interessante nesse sentido se pode ver no ano anterior, em maio de 1868, quando o *Excelsior Cricket Club*, ao convocar os associados para uma reunião a ser realizada na Fábrica de Cerveja, o fez em dois idiomas (português e inglês) quando o usual era usar somente a língua inglesa.

²⁷ Jornal do Recife, 24 dez. 1869, p. 3.

²⁸ Jornal do Recife, 19 jun. 1875, p. 2.

Interessante saber que para alguns jogos passaram a ser previstos bondes extras para atender o público, um sinal de que aumentara o número de interessados²⁹. Outro indício de que se dedicava um pouco mais de atenção à modalidade foi o fato de uma loja de calçados oferecer para a “rapaziada do críquete (...) borzequins apropriados a esse divertimento”³⁰.



Anúncio de loja de sapatos oferecendo calçados adequados para a prática do críquete
Jornal do Recife, 24 mai. 1871, p. 4.

No movimentado *ground* de Santo Amaro se instalou o Café Americano, um estabelecimento que oferecia ao “respeitável público pernambucano (...) refrescos novos e variados, assim como lanches, vinho de todas as qualidades, e licores finos”³¹. Os eventos de críquete parecem ter se tornado progressivamente festivos, com a participação de bandas e outras atrações. Integraram, assim, o cenário de uma cidade que seguia passando por mudanças, inclusive no âmbito da diversão pública, crescentemente valorizada³².

Jogos com diferentes equipes foram realizados para tornar mais atrativa a programação. Em agosto de 1874, por exemplo, foi promovida uma partida *North X South*, similar as que no Rio de Janeiro eram denominadas *White X Nigers*³³. Os

29 Jornal do Recife, 31 out. 1872, p. 1.

30 Jornal do Recife, 24 mai. 1871, p. 4.

31 Jornal do Recife, 31 out. 1872, p. 3.

32 Para um panorama da cidade nas últimas décadas do século XIX, ver: LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. Os Caminhos do olhar: circulação, propaganda e humor (Recife, 1880-1914). Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

33 MELO, Victor Andrade de. A sociabilidade britânica. Op. cit.

primeiros times eram formados por nascidos no Reino Unido, enquanto os segundos por descendentes natos em outros territórios. Ainda que não se tratasse de uma expressão da existência de conflitos no interior da colônia, seguramente esse tipo de disputa era um indicador de que havia certas diferenças entre os britânicos.

Na verdade, a despeito dos indícios de que se ampliara o público, é possível perceber que os eventos de críquete eram majoritariamente frequentados pela colônia britânica. Se tivermos em conta o que houve em outras cidades, como no caso do Rio de Janeiro³⁴, podemos supor que entre os anglófonos havia alguns que desejavam manter os círculos sociais mais restritos, enquanto outros não se importavam e até demonstravam disposição para se integrar com os locais. Os primeiros, em geral, tinham nascido no Reino Unido; os segundos eram natos em outros países, inclusive no Brasil.

De toda forma, a despeito das diferenças de concepção, inegavelmente os clubes de críquete eram espaços de encontros dos membros da colônia britânica. Os anúncios publicados a seu mando eram, em geral, veiculados em inglês. As companhias de propriedade de oriundos do Reino Unido contribuía com a promoção das atividades. Por exemplo, concedendo prêmios como o destinado pela *Pernambuco Street Railway* ao vencedor de uma contenda disputada em setembro de 1872³⁵.

Além disso, as reuniões dos sócios e da direção – praticamente integradas somente por britânicos e seus descendentes – eram realizadas em estabelecimentos de propriedade de gente da colônia ou estrangeiros. Quando os eventos eram divulgados nos periódicos, por vezes sequer eram bem entendidos pelos cronistas³⁶.

Os clubes recifenses de críquete promoviam algumas atividades que eram usuais no Rio de Janeiro e São Paulo, típicos encontros à moda britânica. Uma delas, mesmo que com menor frequência do que naquelas províncias – em função da distância e das dificuldades de transporte –, eram as excursões para a realização de jogos com equipes de outras cidades. No caso pernambucano, especificamente se tratava de viagens a Salvador.

Em setembro de 1872, pela primeira vez partiu de Recife para a capital soteropolitana uma equipe integralmente formada por membros da colônia britânica, acompanhada de alguns apreciadores do jogo, saudados na saída por sócios dos dois clubes³⁷. Provavelmente tratou-se de um combinado das agremiações, condicionado mesmo por questões operacionais (possibilidade de viagem).

34 MELO, Victor Andrade de. A sociabilidade britânica. Op. cit.

35 Jornal do Recife, 10 set. 1872, p. 2.

36 Ver, por exemplo, a imprecisão da notícia publicada no Jornal do Recife, 4 jan. 1868, p. 1.

37 Jornal do Recife, 16 set. 1872, p. 1.

As partidas foram realizadas no bairro do Campo Grande, contando com “grande número de espectadores, inclusive muitas senhoras, para as quais se havia levantado um elegante pavilhão”³⁸. Dois grandes bailes encerraram a comemoração. Tais eventos reforçavam os laços entre os britânicos que viviam nas duas cidades, como já ocorria entre os que moravam em cada capital.

Por tradição e dinâmica da modalidade, o clima de competição jamais serviu como fator de divisão ou conflito. Era a lógica do críquete, um pragmatismo caro aos britânicos. As tensões ficam dentro do campo, para que fora dele não maculem as alianças necessárias ao bom andamento dos negócios.

Novas configurações (1875-1906)

Na segunda metade da década de 1870, percebem-se algumas mudanças na dinâmica das agremiações recifenses. Em 1875, foi fundado o Clube de Cricket Nacional³⁹. O intuito era promover seus jogos em Santo Amaro, sempre aos domingos e feriados. Em poucos meses, passaram a ser realizados desafios contra o *English Cricket Club*⁴⁰, uma denominação que ainda não aparecera nos jornais.

Essa se constituiu na grande rivalidade do novo momento. O primeiro jogo entre as duas agremiações, realizado em setembro de 1876, foi marcado por grande expectativa. Um anúncio – assinado por A. M. Neilsen (em nome do *English Cricket Club*) e por Nicolao Martery (Clube de Cricket Nacional) – convidou “a distinta sociedade pernambucana”⁴¹, especialmente conclamando “o comparecimento do belo-sexo para maior brilhantismo dessa festa campestre”. Solicitou-se até mesmo, à Companhia Ferro-Carril, aumentar o número de carros para atender o grande público que se esperava fazer presente.

Não deve soar como surpresa a presença de público feminino nos jogos de críquete. Em várias cidades, no decorrer da segunda metade do século XIX, aumentara sua participação social, destacando-se sua frequência nas atividades oferecidas pelo mercado de entretenimentos. Os eventos esportivos estiveram entre os que mais contaram com o envolvimento de mulheres, consideradas mesmo personagens importantes na dinâmica do espetáculo⁴².

Em 1875, aparentemente os novos clubes tinham substituído os anteriores. Todavia, em 1877, ressurgiu nos jornais um anúncio do velho *Excelsior Cricket Club*,

38 Correio Paulistano, 29 set. 1872, p. 1.

39 Jornal do Recife, 21 ago. 1875, p. 1.

40 Jornal do Recife, 5 set. 1876, p. 1.

41 Jornal do Recife, 5 set. 1876, p. 1.

42 Para mais informações, ver: MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-152, dez. 2007.

convocando uma reunião de sócios⁴³. Seria o mesmo que estava sendo chamado de *English Cricket Club*? Não temos evidências para afirmar isso de forma convicta.

De toda maneira, se percebe a mais constante participação de brasileiros como jogadores de críquete, não só como público. Alguns membros da colônia britânica tomavam parte nas atividades promovidas pelos nacionais. Muitos anglófonos, contudo, seguiram mantendo o arranjo tradicional. Eventualmente até se envolviam com iniciativas em comum, mas valorizavam mesmo a existência de um espaço mais exclusivo.

Àquela altura, praticamente todos os jogos eram realizados em Santo Amaro, não sabemos se no mesmo *ground* – o que é provável – ou num novo espaço. Vejamos que havia uma diferença na dinâmica das agremiações que compartilhavam o local. Enquanto o clube nacional divulgava com frequência suas reuniões administrativas e eventos, sempre solicitando a oferta de mais transporte para atender aos interessados⁴⁴, os britânicos eram bem mais reservados. Nos jornais, pouco se divisava do funcionamento de sua agremiação.

Apenas as assembleias anuais do Excelsior eram divulgadas nos periódicos⁴⁵. Já as atividades do *English Cricket* somente apareciam nos jornais quando ocorriam em conjunto com o Clube de Cricket Nacional. Quanto eventualmente algo das agremiações dos britânicos era noticiado, como uma partida entre casados e solteiros, eram comuns ressalvas como essa: “não haverá convite especial”⁴⁶.

Depois de alguns anos de pouca movimentação – entre 1881 e 1883 –, por motivos que não conseguimos precisar, a partir de 1884 voltou a ser frequente a veiculação de notícias sobre jogos de críquete, sem citar-se uma agremiação responsável e já realizados também em um *ground* localizado no bairro de Santana⁴⁷. Em 1885, houve uma partida entre funcionários da Telegrafo Submarino e tripulantes do navio britânico *Norsmann*⁴⁸, o primeiro de um tipo de desafio que foi muito comum na Corte e em São Paulo, bem como ocorreu outras vezes em Recife. Em 1887, por exemplo, despertou grande interesse a disputa entre membros da colônia e oficiais da embarcação Ruby, que tinham vencido contendidas em Montevideu, Rio de Janeiro e Salvador, tendo, entretanto, perdido na capital pernambucana⁴⁹.

Quando havia embarcações britânicas ancoradas em Recife, eram promovidas grandes festividades em homenagem aos oficiais – piqueniques, passeios, bailes,

43 Jornal do Recife, 16 mar. 1877, p. 3.

44 Ver um exemplo em Jornal do Recife, 31 out. 1877, p. 2, uma notícia sobre a comemoração do 2º aniversário do Club de Cricket Nacional.

45 Ver um exemplo em Jornal do Recife, 6 ago. 1880, p. 3.

46 Jornal do Recife, 7 set. 1881, p. 1.

47 Jornal do Recife, 21 abr. 1884, p. 4.

48 Jornal do Recife, 4 jan. 1885, p. 1.

49 Jornal do Recife, 12 nov. 1887, p. 1; The Rio News, 15 nov. 1887, p. 4.

recepções, além de atividades esportivas. Tratava-se de uma louvação a quem levava o nome do Reino Unido pelo mundo, uma típica manifestação cultural e patriótica⁵⁰.

A intencionalidade de celebração de traços culturais do Reino Unido pode ser percebida em outras ocasiões. No mesmo ano de 1887, houve um desafio entre britânicos empregados no comércio e nas companhias públicas. A crer no cronista, a festa foi “concorrida por grande número de famílias e cavalheiros”⁵¹. Essa partida se repetiu por longo tempo, sempre atraindo muitos interessados da colônia e mesmo alguns brasileiros e estrangeiros de outras nacionalidades.



Anúncio de jogos de críquete entre equipes de empresas britânicas
Jornal de Recife, 31 ago. 1889, p. 3

Outra atividade usual relacionada ao “jogo predileto dos ingleses”⁵² eram os desafios entre britânicos oriundos de outros países (*The World*) e filhos de britânicos nascidos no Brasil (*Pernambucanos*). Os sobrenomes dos envolvidos eram praticamente todos do Reino Unido. Perceba-se, contudo, que mudou o perfil das equipes, se compararmos com as citadas disputas *North X South*. Trata-se de um indicador de que na colônia crescera o número de natos no nosso país. Isso poderia ter contribuído para a maior participação de jogadores brasileiros? Talvez, mas não foi o que parece ter ocorrido.

50 Uma boa descrição de um desses eventos pode ser encontrada em *The Rio News*, 24 dez. 1888, p. 2 e 3.

51 *Jornal do Recife*, 8 set. 1887, p. 1.

52 *Jornal do Recife*, 1 nov. 1887, p. 1.

Por que entre os brasileiros cresceu o desinteresse pelo críquete? Há um dado a ser considerado no que tange à consolidação do gosto pelo esporte no Brasil. Mesmo que não houvesse grande esforço de difusão por parte dos britânicos, os nacionais tomavam conhecimento das práticas e até participavam de algumas de suas iniciativas. Para além disso, todavia, várias foram as vias que possibilitaram o contato com a nova manifestação, bem como os agentes intervenientes na configuração do novo hábito⁵³.

Havia, por exemplo, a influência de propostas higienistas, relacionadas a preocupações com a saúde e defesa nacional, manifestas, inclusive, em projetos de reforma e ordenação urbana. Nesse cenário, o esporte ganhou visibilidade como estratégia de intervenção. Contudo, parece ter sido mais determinante a melhor estruturação de um mercado de entretenimentos. Os brasileiros foram conhecendo as diversas modalidades e se envolvendo mais com umas do que com outras, como se deu em todos os países. Com o decorrer do tempo, foram se conformando práticas mais populares ao redor das quais se forjaram discursos identitários⁵⁴.

Assim, uma das razões para ter diminuído o interesse pelo críquete, sem desprezar possíveis constrangimentos causados por alguns britânicos, teria sido a própria diversificação das modalidades esportivas que surgiram em Recife. Em 1884, começaram a aparecer nos jornais informações sobre a promoção de regatas no bairro do Caxangá, nas águas do Rio Capibaribe, inicialmente sem uma agremiação responsável⁵⁵. Em 1885, anunciou-se a primeira prova do Clube de Regatas Pernambuco⁵⁶, realizada na Bacia do Gasômetro⁵⁷. Dias depois se divulgou a fundação do Clube Internacional de Regatas⁵⁸. Em 1889, surgiu a notícia da intenção de se criar o Clube Atlético, dedicado às corridas e saltos⁵⁹. Além disso, no final da década de 1880, a cidade já contava com três prados, o da Madalena (dinamizado pelo *Jockey Club* Pernambucano), o do *Derby Club* e o Hipódromo de Campo Grande⁶⁰.

Entre os britânicos, se manteve, durante anos, de forma menos estruturada a prática do críquete. No quadro esportivo movimentado de Recife, o que teria ocorrido para gerar esse novo arranjo do esporte, com jogos com equipes improvisadas a cada sessão, sem uma agremiação responsável? Perda do espaço de Santo Amaro?

53 Sobre o desenvolvimento do esporte no Brasil, a partir do caso do Rio de Janeiro, ver: MELO, Victor Andrade de, PERES, Fabio de Faria. Esporte e modernidade: o caso do Rio de Janeiro – uma abordagem panorâmica. In: MELO, Victor Andrade de (org.). O esporte no cenário Ibero-Americano. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015. p. 15-26.

54 MELO, Victor Andrade de. Esporte e lazer – conceitos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

55 Jornal do Recife, 27 abr. 1884, p. 3.

56 Jornal do Recife, 27 jun. 1885, p. 1.

57 Ver programa da regata em Jornal do Recife, 10 jul. 1885, p. 3.

58 Jornal do Recife, 19 jul. 1885, p. 3.

59 A Epoca, 2 out. 1889, p. 2.

60 Para um olhar sobre o tema, ver: LUCENA, Ricardo Figueiredo. Esporte, cidade e modernidade: Recife. In: MELO, Victor Andrade de (org.). Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 265-283.

Mobilidade dos membros? Não temos como precisar, mas podemos identificar que a modalidade seguiu sendo importante no que tange à coesão da colônia britânica.

Nessas décadas finais do século XIX, os britânicos criaram outras agremiações esportivas, como o *Pernambuco Lawn Tennis Club*, cujos primeiros movimentos surgiram em 1887, mas deve ter sido fundado em 1890 ou 1891⁶¹. Além disso, seguiram organizando os já citados festivais atléticos, os *British Amateur Athletic Sports*⁶². No tocante ao críquete, somente em 1896 encontramos uma evidência de uma nova iniciativa mais estruturada. No *The Rio News* foi publicado o calendário anual do *Pernambuco Cricket Club*, jogos a serem disputados por equipes da colônia⁶³. A agremiação não fora citada desde os anos 1870. Seria a mesma que teria se mantido com pouca divulgação? Ou tratar-se-ia de uma nova com o mesmo nome da anterior?

Em fevereiro de 1901, um anúncio convocou os sócios para a 7^a assembleia anual, onde seriam prestadas contas e eleita uma nova direção⁶⁴. Nesse caso, se as reuniões foram frequentes e realizadas todos os anos, o clube teria sido fundado em 1894 ou 1895. Já em 1905, convocou-se para a 11^a assembleia, o que confirma essas datas estimadas⁶⁵.

Trata-se, portanto, de outra agremiação, cujas partidas e reuniões sociais e administrativas eram divulgadas em inglês. Os jogadores tinham, em sua quase totalidade, sobrenomes britânicos⁶⁶. Os encontros eram realizados em estabelecimentos cujos proprietários eram membros da colônia.

Nos jornais de grande circulação, somente aparecem os anúncios de suas assembleias. Nos periódicos publicados em inglês (os na introdução já citados *The Anglo-Brazilian Times: Political, Litterary and Comercial*, *The Rio News* e *The Brazilian Review*), há um pouco mais de informações. Esse quadro leva-nos a crer que era mais uma das costumeiras iniciativas de britânicos que não desejavam abrir suas portas, preferindo manter seu sentido exclusivo de clube, no qual cultuavam certa discrição.

Uma notícia sobre a mudança de *ground* é um indício da postura dos britânicos. Segundo o cronista, o campo de Santana, ocupado durante um bom tempo, ainda que possuindo boas condições para a modalidade, “era consideravelmente menor do que o novo, e tinha a grande desvantagem de ser aberto ao público, e hordas de pequenos

61 Jornal do Recife, 10 out. 1891, p. 4.

62 Ver, por exemplo, Jornal do Recife, 5 mai. 1896, p. 1. Vale registrar que, no âmbito artístico, os britânicos se reuniam no Pernambuco Reading Club e, posteriormente, no Pernambuco Amateur Acting Club.

63 The Rio News, 2 jun. 1896, p. 7.

64 The Rio News, 23 fev. 1901, p. 2.

65 A Província, 14 mar. 1905, p. 2.

66 Vale ter em conta que aumentara o número de britânicos na cidade em função de mais um momento de incremento das atividades econômicas.

meninos negros infestam/assolando o campo em dias de jogos, constituindo um sério aborrecimento”⁶⁷.

Os britânicos – ou pelo menos uma parte deles – uma vez mais deixavam claro o seu desejo de manterem-se separados da sociedade local, posição marcada, inclusive, por certo preconceito (que não era diferente do que as elites recifenses também manifestavam). Há que se ter em conta que o esporte era uma prática fortemente relacionada às elites e estratos médios, ainda que os mais populares fossem em algumas ocasiões bem-vindos como público⁶⁸.

Naquela virada de séculos, na ausência de outros clubes, o *Pernambuco Cricket* disputava partidas com equipes das empresas britânicas em Recife estabelecidas; essas, por sua vez, jogavam entre si⁶⁹. Em uma dessas ocasiões, ao comentar um desafio realizado entre funcionários do *London and Brazilian Bank* e do *London and River Plate Bank*, sugeriu o cronista: “A perspicácia do críquete, que estava tão maravilhosamente desenvolvido em Minas, Rio e São Paulo nos últimos anos, se estendeu a Pernambuco, onde bom esporte é esperado no próximo ano”⁷⁰. Ele desconhecia que se tratava, no máximo, de um movimento de retomada, pelo menos nos moldes mais estruturados, afinal, como dito, a colônia nunca interrompeu totalmente a prática da modalidade.

Em 1899, ao informar o calendário anual do *Pernambuco Cricket*, que previa 11 jogos, um cronista lamentou que Recife estivesse longe dos clubes de Rio de Janeiro e São Paulo, o que dificultava os desafios interestaduais já tão comuns no Sudeste⁷¹. De toda forma, elogiou os esforços estabelecidos pelos que viviam na capital pernambucana, inclusive no que tange à dinamização de uma modalidade que já era comum nas outras cidades, o tênis⁷².

Vale considerar que o calendário de 1901 do *Pernambuco Cricket* rivalizava, no número de jogos, com os de Rio de Janeiro e de São Paulo, onde havia mais de uma agremiação. Foram previstas 30 partidas. Durante muitos anos seria bem ativa a vida desse clube.

Em 1906, abriria a porta o *British Club*, agremiação que marcaria uma nova fase na prática do críquete e do esporte em geral por sua organização e pela multiplicidade de modalidades oferecidas. A nosso ver, esse novo momento merece um estudo futuro.

67 *Brazilian Review*, 21 mai. 1907, p. 588.

68 MELO, Victor Andrade de. *Cidade Sportiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001

69 Ver, por exemplo, *The Rio News*, 3 nov. 1897, p. 5; e *The Rio News*, 30 mai. 1899, p. 4.

70 *The Rio News*, 30 mai. 1899, p. 4.

71 MELO, Victor Andrade de. *A sociabilidade britânica*. Op. cit.

72 *The Rio News*, 11 jul. 1899, p. 4.

Conclusão

Os clubes de críquete – mesmo que nem sempre totalmente abertos à participação da sociedade local – deram significativas contribuições na difusão de um certo “atleticismo”, a valorização de práticas e procedimentos esportivos num momento primordial da estruturação dessas iniciativas na cidade do Recife. Se não foram os únicos responsáveis pelo desenvolvimento do gosto pelo esporte na capital pernambucana, não se deve desprezar sua influência. Da mesma forma, foram relevantes espaços de organização de um grupo social que desempenhou significativo papel em um período relevante da história nacional, quando o país estava se forjando enquanto ente independente: os britânicos.

Em Recife, tal influência continuou a ser sentida nas primeiras décadas do século XX. Em 1906, houve uma aproximação entre o *Pernambuco Cricket Club* e o *British Club*⁷³. A princípio, o segundo cedeu suas instalações para as assembleias e algumas reuniões sociais do primeiro. Em 1907, a agremiação de críquete passou também a promover seus jogos na sede do bairro da Torre, decisão por alguns celebrada como uma possibilidade de ter uma experiência mais exclusiva. Já outros sócios se mostraram contrários, defendendo com fervor a manutenção das antigas tradições⁷⁴. Aparentemente, de qualquer maneira, todos gostaram das novas instalações, por sua beleza e conforto.



Mulheres jogando críquete no British Club

Cartão postal. C. 1906

Disponível em: < <http://www.fotolog.com/tc2/12365715/>

73 *Jornal do Recife*, 17 ago. 1906, p. 2.

74 *Brazilian Review*, 21 mai. 1907, p. 588.

O *British Club* tornou-se um dos principais palcos esportivos de Recife. Para além dos jogos de críquete, outras modalidades tiveram espaço na agremiação. Até mesmo partidas de beisebol foram promovidas, protagonizadas por norte-americanos que viviam ou passavam pela cidade⁷⁵. Na sua sede, também foram realizadas importantes disputas dos primórdios do futebol⁷⁶, inclusive a primeira entre o Náutico (fundado em 1901, a princípio para a prática do remo) e o Sport (criado em 1905), ambos contando com britânicos na sua formação, como era o caso do *Tranways*, equipe que chegou a ser campeã estadual.

Os britânicos também estiveram entre os protagonistas das primeiras partidas de rúgbi da cidade⁷⁷, além de terem dado seguimento à organização de festivais atléticos⁷⁸. Devemos citar ainda que foram fundadores – em 1928 – do *Pernambuco Golf Club*, origem do atual *Caxangá Golf & Country Club*.

Deve-se ter em conta que o envolvimento com o esporte e a organização de eventos esportivos cresceram muito nessa primeira década do século XX, a reboque de um novo conjunto de mudanças observáveis na cidade, um processo de modernização marcado por reformas urbanas e intensas intervenções no cotidiano da cidade, muitas relacionadas a preocupações com a saúde e higiene⁷⁹. Da mesma forma, o mercado de entretenimentos estava cada vez mais consolidado, ajudando a dinamizar o interesse pela prática.

Mesmo com o surgimento de outras modalidades esportivas, as partidas de críquete seguiram sendo realizadas, eventualmente até envolvendo brasileiros⁸⁰. Até clubes que se tornariam mais conhecidos por seu envolvimento com o futebol, como o Náutico, tiveram equipes da modalidade, formadas majoritariamente por britânicos⁸¹, que continuaram a ser os principais interessados na prática.

Em 1920, foi criado ainda o *British Country Club*, que existe até os dias de hoje e na ocasião promoveu jogos de críquete. A partir daquela década, especialmente nos períodos das Grandes Guerras, se reduziria a presença de britânicos em Recife. Mas eles já tinham deixado marcas indeléveis na cidade, inclusive e bem destacadamente no que tange ao esporte.

Artigo recebido em 13 de agosto de 2016.

Aprovado em 01 de maio de 2017

75 *Jornal do Recife*, 11 jan. 1908, p. 2.

76 Uma das primeiras notícias sobre esse esporte foi publicada em *Jornal do Recife*, 13 ago. 1905, p. 2.

77 *Jornal do Recife*, 18 jul. 1905, p. 1.

78 Ver, por exemplo, *Jornal do Recife*, 3 ago. 1905, p. 2.

79 LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. Os Caminhos do olhar. Op. cit. Para um olhar sobre o esporte na Recife da primeira década do século XX, ver: COUCEIRO, Sílvia Costa. Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003; LIMA, Eduardo José Silva. Recife entra em campo: história social do futebol em Recife (1905-1937). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2013.

80 Ver *Jornal do Recife*, 16 jun. 1910, p. 3.

81 *Jornal do Recife*, 26 jun. 1910, p. 3.